

MULHERES E TERRITÓRIO: REFLEXÃO SOBRE O QUE AFETA A VIDA DAS MULHERES INDÍGENAS QUANDO OS DIREITOS TERRITORIAIS SÃO AMEAÇADOS

Braulina Aurora Baniwa

Resumo: O presente trabalho traz uma reflexão sobre os direitos territoriais ameaçados, e, como afeta a vida das mulheres, partindo da minha experiência enquanto mulher indígena baniwa, estudante de antropologia, e a vivência fora do território. O objetivo deste trabalho, é mostrar a importância do território sob ótica de mulheres, que envolve a sua invisibilidade de luta pelo território e desafio na manutenção de conhecimentos tradicionais, para algumas mulheres tais conhecimentos e práticas já consolidadas, mas em alguns lugares e para mulheres precisam de fortalecimento.

Palavras Chaves: Mulheres Indígenas, Direitos, Território, poder da higienização do corpo.

Introdução

Falar de mulheres indígenas é um desafio para as acadêmicas indígenas, pois estamos no espaço socialmente construído na ótica masculina e nós culturalmente somos criadas para reprodução de um povo e manutenção de conhecimentos tradicionais, que vão desde o cuidado com o nosso corpo, cuidar de roça e assim conseguir o melhor casamento intraterritorial, devendo manter a harmonia entre os clãs de pertencimento e povos. Atualmente, temos tido oportunidade de estar nos espaços de voz e conquistados espaços políticos de representatividade no cenário nacional e debatidos assuntos voltada para questão de mulheres indígenas, no âmbito de política do movimento indígena. Mas esquecemos de visibilizar a luta de mulheres pelo território e sua importância na vida das mulheres, no que diz respeito a saúde e bem-estar de mulheres indígenas. Para começar, falar de trabalho feminino, nós mulheres indígenas já nascemos sabendo da importância de nosso território e como devemos manter o relacionamento com a mãe natureza e nosso povo. Esse relacionamento é desde o nosso surgimento, como humanos que é de forma singular a se relacionar com seres não visíveis aos olhos humanos, mas que para nós, é o que mantém equilíbrio, entre seres humanos e outros seres, tal relação é mantido desde nosso povo milenar, nossos povos ancestrais. A sua importância para nossa formação humana de vida e nossa organização social, é nos permite o acesso a vários conhecimentos, acredita -se que surgiram nos tempos primordiais do mundo, que antes

éramos chamados de espíritos, hoje somos humanos e animais, contada de diferente forma de um povo para povo, respeito segundo meu povo é palavra de ordem social, seja no seu espaço territorial ou fora dela. segundo a mitologia baniwa havia tempo de conquistas, o que nos trouxe para esse mundo humano, e os que não conseguiram conquistar seus espaços de direito, ficaram em segundo plano são os que estão nas florestas, animais e outros seres não visíveis aos olhos humanos. Essa divisão e transformação parece dividir -se em mundo completamente diferente, apesar de sermos do mesmo planeta e convivermos diariamente.

O respeito com a natureza e seres espirituais ao conhecimento indígena seria como ordem social para lugares sagrados “ que passarei chamar de lugares tradicionais de proteção” que ao povo baniwa são importantes para formação e cuidado de corpo da mulher. Como os direitos territoriais ameaçados, afeta a vida das mulheres indígenas. Vamos entender o que são estes lugares sagrados? quem vive neles? por que? qual interpretação de hoje para humanidade e ao estado brasileiro? qual importância para os povos indígenas? do não cuidado, quais as consequências.

Para se entender os lugares sagrados é preciso descrevê-los, estão em toda parte, nas margens dos rios. do mar, outro lado do mar, dentro da floresta e assim por diante. Esses lugares são responsáveis pela manutenção ou manejo e na reprodução de conhecimento de todos os seres vivos da natureza ou biodiversidade. Tal entendimento, muito difícil de ser reconhecidas e valorizados pelos não indígenas, aos olhos de quem não sabe vê é isso mesmo é apenas uma mata é apenas um rio, para nós ali tem vidas, tem nossa história de vida, esse poderíamos dar nome de código florestal na lei do estado brasileiro, os mesmo garante segurança alimentar aos que ali vivem seja humanos ou não humanos.

Enquanto povos indígenas se adequarem a rigidez de uso do espaço tradicional, haverá uma ordem social equilibrada, e desobedecendo surgirá impureza no lugar que pode afetar a vida da sociedade como as doenças, falta de alimentos e tragédias naturais que ciência não explica, situações que já acontece com humanidade em vários lugares do mundo.

Invisibilidade de luta pelo território

Poderíamos começar, relatando as experiência de mulheres nos espaços político de ter voz e representatividade, aqui farei recorte para a invisibilidade de luta das

mulheres pelo território. Partindo de como somos tratadas dentro internamente, no nosso espaço social nas comunidades indígenas e ambiente familiar. No cenário nacional ou local, a pauta de mulheres é pouco discutida, para tanto apresento uma reflexão da ausência ou invisibilização dessa luta. Recordo-me da educação recebida pelos meus pais, ambos baniwa de clãs diferentes, para meu povo há diversas formas de purificar o corpo e o espírito, que variam segundo as finalidades de quem as utilizam e cujo grau de severidade também varia pelas mesmas razões. Procura-se a purificação do espírito e cuidado de corpo no controle, baseado nas restrições alimentares que envolve diretamente a relação de reciprocidade com o território. Não vejo em relatos de pesquisadores sobre a luta das mulheres pelo território tradicionais ou lugares sagrados, talvez, seja por que a colonização sempre trabalhou na perspectiva de força física de homens e deixou de lado, força social, cultural e espiritual de mulheres.

“Sempre reforçando relações de gênero como diferentes posições de poder e hierarquia, o conceito de gênero é entendido como tomando-se ou podendo tornar-se em outra forma, não mais identidades, mas identificações, propondo uma ruptura das dicotomias como a heterossexualidade e a homossexualidade, masculinidade e feminilidade. Esses estudos revelam os desafios políticos entre, de um lado, a luta pelos direitos humanos das mulheres e pela diversidade sexual e, de outro lado, a luta pela diversidade cultural, bem como os efeitos políticos da escolha de diferentes metodologias antropológicas” (MACHADO, 2014).

Não é muito difícil de entender, no Brasil a formação é dita patrilinear ou patriarcado. A invisibilidade da luta é desde quando não somos considerados como parte importante no processo de luta, o nosso conhecimento é invisibilizado, para tanto quero destacar o papel fundamental das mulheres no processo de manutenção de conhecimentos tradicionais e continuação das mesmas para que nova geração, possa acessar esses conhecimentos e saber a importância de fortalecer os mesmos. As relações e respeito a natureza é obedecer regras de lugares, de forma que não afeta minha saúde e nem da minha família, a quebra dessas regras implica numa guerra e destruição de casas de seres invisíveis que pode envolver mortes ou violência com os conhecimentos das mulheres. Ser sabedora de regras e obediente a ela é sinônimo de dignidade, de exercer poderes ou transmitir poderes para o mundo. A luta pelo território, é além de ter roça, um igarapé limpo para tomar chibé com meus filhos, é poder compartilhar minhas plantação com as minhas primas, tias e sogras, a luta pelo território, é uma forma de equilibrar o cuidado com corpo e saúde, na medida que perdemos espaços territoriais,

perdemos o poder de transmissão de conhecimento milenar de mulheres, que envolve desde nascimento até a morte.

O poder da higienização do corpo e território.

Sou do clã *Waliperedakenai*, nos autodenominamos MEDZENIAKONAI, o do povo baniwa, nome dado pelos colonizadores ou estudiosos não indígenas.

O tratamento e cuidado com corpo e saúde da mulher, está diretamente relacionado a está no seu território tradicionais de origem. Os rituais de passagens femininos, representações ocupam funções de responsabilidades e conhecimentos de mulheres anciãs que mantêm as normas de rito, segundo o conhecimento recebido de suas avós em determinado local de nascimento. Estando fora do território é difícil manter as práticas. Toda essa relação de respeito é pureza aos olhos de dois mundos que vivemos, sendo que para dias atuais, sofreram transformações devido ao contato violento com a religião não indígena, algumas mulheres não obedecem mais essa relação, mudança de crença trouxe diferentes visões a respeito, em outros casos, foram esquecidos. Sendo que a higienização com o corpo é saber sua origem a história de seu povo, costumes, e seguir rigorosamente a etiqueta, regras sociais, culturais e regras alimentares do nosso povo. Para sobreviver na natureza, sem agredi-la ou ela agredir nosso corpo, é manter o sagrado vivo, quando não mantida é severamente castigados as mulheres não serem férteis ou perder um membro da família.

“Nossos avós nos explicam que não podemos olhar ou pegar os ovos, ou os filhotes, pois eles ficariam visíveis para seus respectivos predadores. E, se passarmos na boca dos rios ou igarapés pela primeira vez, devemos pedir licença das “Avós”. Temos que mentalmente nos apresentarmos como netos e dizer quem somos, curvar-se e tomar um pouco de água como sinal de cumprimento, e se não fizermos isso nossas avós ficam enraivecidas e mandam relâmpagos, trovões e fortes chuvas. Há lugares em que devemos deixar um pouco de peixe e beiju. As frutas da mata não são para ser coletadas aleatoriamente por nós, porque são dos animais como, por exemplo, o ingá-de-cobra, pois é uma espécie que somos aconselhados a não coletar, porque é das cobras. Esses conselhos são marcas dos limites entre nossa relação e o meio no qual vivemos”. (Pereira, p. 59, 2013).

A reprodução social, pouco vista é estruturada no trabalho das mulheres através de cuidados e higienização de seu corpo, para nós mulheres baniwa, a menstruação é dito impuro, há regras a serem obedecidas por nós, pois o cheiro é

considerado um veneno para olhos dos homens e seres espirituais do mato, dos rios e do ar, que chamamos donos dos lugares ou seres invisíveis. Os danos causados por falta de higienização do corpo, é tão violenta que poucos sabem disso, ou seguem tais regras. O cuidado com a higienização de corpo é considerado mediador para meu povo, a mulher tem papel fundamental no equilíbrio de conhecimento e surgimento de novas gerações.

A preservação da saúde depende do exercício da moralidade e da solidariedade nas relações sociais, do autocontrole e da limitação de todo o comportamento, da limpeza de corpos, dos espíritos e controle das ações predatórias sobre a natureza. É sabendo e recebendo a importância do poder de higienização do corpo, que as mulheres do meu povo têm filhos de sexos feminino e masculino, seja na primeira gravidez ou segunda, pois souberam se resguardar, e seguir regras alimentares.

Porém o nosso território é composto por conjunto de saberes disseminado em todos os níveis para meu povo. No caso tem as plantas medicinais usados para cuidado do corpo de mulheres, desde a primeira menstruação e uso de pimenta como forma de proteção contra os maus espíritos, que chamamos de seres invisíveis. Diferente do que os estudiosos escrevem sobre as mulheres de serem a detentoras de vasta conhecimento de medicina indígena, há cura para vários tipos de doença, e elas produzem conhecimentos e suas ciências.

A saúde e o bem estar de mulheres passam por essas rigorosas etiquetas alimentares e resguardos obedecidos, cultivando os conhecimentos das anciãs para próxima geração, alimento que eu como é quem protege meu corpo, a higienização do meu corpo permite a continuidade do meu povo, mas preciso receber isso no meu território de origem, para assim está pronto para desvendar o mundo ou ajudar o próximo, esses conhecimento já foram passada a minha filha, para nós comer pimenta é proteção e forma de manter o conhecimento ancestral no meu corpo.

Considerações Finais

A ideia desse trabalho, é apresentar as duas formas de luta das mulheres indígenas e suas implicações, partindo de reflexão como mencionada acima. Que uma é defender a pratica de conhecimento e como o contato ou perdas de territórios, ataca diretamente o cuidado com o corpo de mulheres indígenas. Trazendo para discussão como a nossa luta é invisibilizado, pelos próprios pares das comunidades, quando não somos visto parte do processo. Portanto, parece comum falar de benzedeira, narradora de mitos ou cantora de handé – handé, no rio negro ou de outras mulheres de outros povos

no Brasil. Sendo que falar de luta feminina sobre território, é pouco mencionado, é como se nossos conhecimentos e produção de nossa ciência, pouco fizesse importância. Nesse trabalho, aponte as minhas inquietações sobre o papel do poder de higienização do corpo da mulher que para nós, é um conhecimento milenar de mulheres indígenas, que dialoga com a soberania alimentar, produção de conhecimento e educação cultural de cada povo. o que nossas avós, sofreram violência com a proibição de praticas de não nos repassar depois do contato com as igrejas, hoje nós mulheres nos tornamos pesquisadoras para visibilizar e protagonizar, a continuação de práticas milenares de nosso povo. atualmente estamos nos espaços, seja na academia, presidentes de associações ou coordenando trabalhos, resultado de lutas das que nos antecederam. Portanto estamos protagonizando, uma nova forma de fortalecer e manter os conhecimentos tradicionais e por eles que a luta continua pela manutenção de direitos conquistados em 1988 e visibilizar conhecimento de mulheres indígenas.

Referências Bibliográficas

- ANDRELLO, Geraldo “ Rotas de Criação e Transformação: Narrativas de origem dos Povos indígenas do Rio Negro”, Brasil,2012.
- GARNELO, Maria Luiza. PODER, HIERARQUIA E RECIPROCIDADE: SAÚDE E HARMONIA ENTRE OS BANIWA DO ALTO RIO NEGRO. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
- MACHADO, Lia Zanotta. Interfaces e deslocamentos: feminismos, direitos, sexualidades e antropologia. Cad. Pagu [online]. 2014, n.42, pp.13-46. ISSN 0104- 8333. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420013>.
- _____. Onde não há igualdade. In: MORAES, Aparecida; SORJ, Bila (org.). Gênero, violência e direitos na sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Editora 7 Letras, 2009a, vol. 1, pp.158-183. [Links]
- Pereira, Rosilene Fonseca “Criando gente no alto Rio Negro: um olhar Waíkhana”, Manaus: UFAM, 2013.

Recebido em 23/10/2017
Aprovado em 27/10/2018